

FOLHA MAÇÔNICA

Desde 11 de
setembro
de 2005

27 de março de 2010

Ano 5 - edição 237

Grandes Iniciados

Símbolos - A Polêmica

na Folha - Dica - Medite

Documentos e Fotos Antigas

Eureka

Robson de Barros Granado

Loja Maçônica Stanislas de Guaita 165 - GLMERJ

contatos: folhamaconica@gmail.com

GRANDES INICIADOS



Ibrahim Nobre

Quando há mais de meio século São Paulo se levantava em armas contra ditadura que escamoteou as esperanças dos revolucionário de 30 e protelava a restauração do Estado de Direito, houve um paulista que encarnou a angústia do povo e se tornou se porta-voz na praça pública. Esse homem chamava-se Ibrahim de Almeida Nobre.

Nascido no coração da cidade, em plena Rua Direita, não poderia haver cidadão mais orgulhoso de sua origem do que o futuro "Tribuno da Revolução", que se formou em direito na turma de 1909, das venerandas Arcadas do Largo de São Francisco, depois de um prolongado namoro com a medicina. Desta última, pôde aproveitar o aprendizado na seara de Esculápio, no município de Salesópolis, marco inicial de sua vida pública, como delegado de polícia, ao auxiliar a população dizimada pela varíola. Nesse local, segundo o testemunho de seu dileto amigo e confrade Menotti del Picchia, Ibrahim fez-se enfermeiro dos doentes e se revelou o mesmo samaritano no desempenho de idênticas funções na comarca de Casa Branca, a ponto de o autor de "Juca Mulato" inspira-se na bravura e na galanteria do jovem policial para escrever a novela "Dente de Ouro".

A seguir, já na baixada santista, como titular da Delegacia Seccional de Santos, mostrou-se autoridade serena e equilibrada, num período difícil, agitado por greves e tumultos anarquistas, especialmente no cais do porto, de onde saiu, prestigiado pela população da cidade, para assumir a Delegacia da Ordem Política e Social de São Paulo, como titular, até ser nomeado, em maio de 1927, Promotor Público da Capital, na vaga de Márcio Pereira Munhoz. Neste posto, que exerceu com inexcédível brilho, ao lado de figuras excepcionais do Ministério Público, como César Salgado, Ataliba Nogueira, Soares de Mello, Vicente de Azevedo, Canuto Mendes de Almeida e Basileu Garcia, a Revolução de 32 veio encontrá-lo e o convocou para a luta como tribuno do povo.

Quem é que não conhece o manifesto endereçado aos paulistas "Minha Terra, Minha Pobre Terra" que a Gazeta de Cásper Líbero deu a lume, pela primeira vez, na edição de 25 de janeiro daquele ano? E que se tornou a Marselhesa dos constitucionalistas?

Quem é que não ouviu falar de sua presença destemida, juntamente com o legendário Antônio Pereira Lima nos comícios da Praça da Sé e do Patriarca, em soberbo espetáculo, pregando o retorno da legalidade, naquele memorável domingo cheio de sol que precedeu a chacina do 23 de maio? da marcha do povo em delírio, com

Ibrahim à sua frente, ao lado de Marcos Mélega, Aureliano Leite, Silvio de Campos e outros, sobre o Quartel de 2a. Região Militar da Rua Conselheiro Crispiniano, hoje lamentavelmente demolido, e na sede do Comando Geral da Força Pública da Avenida Tiradentes, conclamado a tropa para aderir à revolta? E aquele encontro, no Palácio dos Campos Elíseos, onde o Promotor de Justiça lançou o repto patético à face do Inventor Federal Pedro de Toledo para que optasse entre a causa de São Paulo ou a subserviência ignóbil a um governo que vilipendiara os ideais de 30? São momentos antológicos de sua vida pública, que bastariam para torna-lo credor da administração de seus patrícios...

Depois, travou-se a luta armada, militarmente desigual, na qual se engajou como simples soldado raso, num batalhão que levava o seu nome impoluto, sob o comando do Cel. Pedro Dias de Campos, para combater o inimigo na Frente Sul, nas trincheiras de Ourinhos, Itahi, Fartura, Bernardino de Campos, Xavantes, Ipaussu e Noutras Localidades do setor do Paranapanema até a melancólica deposição do fuzil, em fins de setembro, coroado pelas agruras do cárcere, só amenizada pela calorosa solidariedade de seus colegas de Promotoria.

Na sala da Capela, assim chamado o presídio político da antiga Casa de Correição, no Rio de Janeiro, Ibrahim divide a glória de seu martírio com Pereira Lima, Aureliano Leite, Waldemar Ferreira, Cásper Líbero, Guilherme de Almeida, Paulo Duarte, Francisco Mesquita, Júlio de Mesquita Filho, Vivaldo Coaracy, e dezenas de outros, que seguiram para o exílio, de onde retornariam à Pátria, anistiados em 1934, em face da convocação da Assembléia Constituinte, tão ansiada pelo povo.

No inquérito aberto sobre a insurreição, Ibrahim manteve-se altivo e intimorato, consciente da responsabilidade que lhe tocou por haver participado da guerra civil, sem contudo acusar ninguém no depoimento que prestou às autoridades da Ditadura, apenas dizendo que "o movimento tinha por finalidade o retorno do País à ordem legal".



Era o começo do calvário do herói, que se confundia com a montanha que sua pobre terra, humilhada pela derrota, e onde o Governador Militar Waldomiro Castilho de Lima, viria a exonerá-lo da promotoria em 24 de fevereiro de 1933, para o qual reverteu em 4 de agosto de 1938, por ato do então interventor federal Adhemar Pereira de Barros, embora permanecendo em disponibilidade, até ser aproveitado no cargo de 7o. Promotor Público da Capital em 1947, no qual permaneceu pouco tempo, porque se viu nomeado logo mais Subprocurador Geral da Justiça que exerceu até aposentar-se em 1949, quando contava mais de 30 anos de serviço público efetivo.

Várias entidades culturais disputaram a honra insigne de sua presença em seus quadros, destacando-se a Academia Paulista de Letras, que abriu as portas em 1960, para oferecer a cadeira nº. 21, na vaga do Jurista Plínio Barreto, hoje ilustrada pelo eminente Desembargador Odilon da Costa Manso.

Ibrahim, que nunca se preocupou em deixar uma obra escrita, senão uma produção fragmentária representada por trabalhos dispersos em jornais e revistas, trazia em sua bagagem a mais bela página de civismo jamais escrita na história de São Paulo e, no coração – que a platéia presente à sua posse pode testemunhar – o poeta apaixonado de Piratininga...

Recebeu ainda o velho campeador, na glória de seus 80 anos, um preito de veneração promovida pela "Comissão Nacional Pró-Homenagem a Ibrahim Nobre", em sessão especial realizada no Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, sob a presidência de seu companheiro de lutas Aureliano Leite, que falou de seu civismo, ocasião em que fizeram uso da palavra Austregésilo de Athaide e Guilherme de Almeida para exaltar as virtudes e a brasilidade do homenageado, que se viu condecorado, no Instituto de Engenharia, com a medalha do "Mérito Bandeirante". Recebeu, também, na mesma oportunidade, significativa homenagem no Plenário do Egrégio Tribunal de Alçada Criminal, através da palavra do então Ministro Manoel Pedro Pimentel, que lembrou "o estilo inconfundível, o surpreendente de suas imagens literárias, a riqueza e a fertilidade de seu verbo, que o consagraram como um dos maiores representantes do Ministério Público na "Tribuna do Júri de São Paulo".

Dois anos depois, a 8 de abril de 1970, desaparecia o grande paladino da Lei, qualidade que figura no listel de sua nobreza moral, recebendo sua memória as mais expressivas manifestações de apreço no Egrégio Tribunal de Justiça, pelas vozes de Adriano Marrey, Lafayette Salles Júnior, Euler Bueno, Hoepfner Dutra, Silos Cintra, Pereira Lima, Dario de Abreu Pereira, além do Presidente daquela Colenda Corte, o Des. Candido de Almeida e do Advogado Theodolindo Castiglione, e cujo nome, mais tarde, foi escolhido patrono da cadeira nº. 5 da Academia Paulista de Direito, por seu sócio fundador e atual ocupante, Oscar Xavier de Freitas.

Sepultado inicialmente no cemitério de São Paulo, com sua velha beca de Promotor, conforme desejo seu, manifesto in articulo mortis, no jazigo da família, onde já se achavam os restos mortais de sua querida Brisabela, seu busto de bronze – moldado pelas mãos talentosas de Luiz Morrone – atesta a passagem luminosa do grande orador pelo Plenário do Tribunal de Júri, sendo seu corpo trasladado, por ocasião das comemorações do 45º aniversário da Revolução Constitucionalista, em 1977, para o Panteão dos Heróis de 32, no Parque Ibirapuera, juntamente com as cinzas de sua esposa, num comovente cortejo fúnebre.

Ali repousa, ao lado de Guilherme de Almeida, separados por um altar, logo atrás do túmulo do "herói jacente" que abriga os despojos das primeiras vítimas da Ditadura, Martins, Miragaia, Dráusio e Camargo, e do bravo caboclo Paulo Virgínio, debaixo da magnífica abóbada da cripta daquele imponente santuário da Raça dos Paulistas.

A poucos metros dali, numa praça fronteiriça do Mausoléu, ergue-se o vulto de Ibrahim, lavrado no bronze eterno pelo mesmo estatuário, discípulo de Ximenes, que uma comissão, formada por Advogados, promotores e Juízes mandou executar sobre um pedestal assentado em punhados de terras colhidas dos fundos das trincheiras da Guerra Cívica do Vale do Paraíba, da Serra da Mantiqueira, de Cunha, de Buri, das praias do nosso litoral, e de tantos outros sítios, dos mais longínquos rincões do Estado de São Paulo, palco adormecido da resistência indômita, misturada com o sangue e as lágrimas dos moços que seguiram seus passos, na memorável arrancada de 32.

Assim viveu e morreu o Tribuno da Revolução, que não teve outro ideal na vida senão o de servir a Pátria e a Justiça de sua terra!

(Emeric Lévy - O autor é Desembargador aposentado do Tribunal de Justiça de São Paulo e Professor Titular de Direito Processual Penal da Universidade Presbiteriana Mackenzie e acadêmico da Academia Paulista de História).
ACADEMIA PAULISTA DE HISTÓRIA – ANO XIII – Nº 70 – MARÇO/2000

<http://www.sampa.art.br/biografias/brahimalmeidanobre/>

SÍMBOLOS

Labirinto

O Arquétipo¹ do Caminho da Alma Humana

KLUG, Sonja Ulrike
Catedral de Chartres – A Geometria Sagrada do Cosmos
Madrás Editora. São Paulo. 2002. p. 90 - 91

Desde os tempos mais remotos, os homens constroem labirintos das mais variadas formas geométricas e com os mais diversos aspectos – mosaicos, aparentes quebra-cabeças, jardins ou arranjos de rochas. Fora da Europa, existem labirintos na Índia, na Ásia, em Java, na Sumatra e na América do Norte.

O labirinto original europeu teria sido encontrado em Creta e, segundo a lenda, era o covil do monstro minotauro, que se escondia bem no meio dele. A cada sete anos, sete rapazes e sete garotas virgens eram oferecidos em sacrifício ao minotauro, até que Teseu conseguiu encontrar a criatura e destruí-la. Para Teseu não se perder no labirinto, sua amada Ariadne lhe deu um fio, que ele deveria desenrolar pelo caminho para poder voltar facilmente. Essa lenda expressa simbolicamente o caminho do homem até si mesmo: o consciente, representado por um homem – Teseu –, só encontra o caminho para o interior da alma com a ajuda do inconsciente, representado por uma mulher – Ariadne. Isso indica que a consciência deve deixar-se guiar por forças inconscientes, representadas na lenda pelo fio de Ariadne.

No interior da alma, parece esconder-se um monstro, que corresponde aos conflitos emocionais não resolvidos ou reprimidos. Esse monstro, o minotauro, suga a energia da pessoa, o que é simbolizado pelo sacrifício de seres humanos.

Quando o monstro é derrotado, os problemas emocionais são resolvidos e a consciência se redime: ela reconquista energia e força vital porque integrou com sucesso o lado feminino ou inconsciente. Segundo a lenda, através desse feito o homem se torna um herói.

Esse mito clássico de herói se repete em inúmeros exemplos da literatura clássica mundial, inclusive nos modernos romances policiais, quando o detetive ou comissário (o herói) atravessa um labirinto de mentiras e armadilhas até encontrar o assassino (o monstro) e prendê-lo; e, freqüentemente, há uma mulher que desempenha papel importante.

¹ Arquétipo: Segundo C. G. Jung, imagens psíquicas do inconsciente coletivo, que são patrimônio comum a toda a humanidade.

O arquétipo do herói é tão amado e valorizado porque expressa um dos temas originais e vitais da humanidade: a autodescoberta, o caminho para o autoconhecimento. Por isso, o labirinto era usado em diversas culturas como símbolo iniciático, e a passagem por ele simbolizava o caminho da iniciação, também chamado de 'Caminho para Jerusalém'.

A POLÊMICA NA FOLHA

Coluna assinada pelo M.^o. I.^o. Aquilino R. Leal, Fundador Honorário da Aug.^o. e Resp.^o. Loj.^o. Maç.^o. Stanislas de Guaita 165 (o conteúdo da coluna é de inteira responsabilidade do Irmão Aquilino R. Leal)

MAIS UMA (INCOERÊNCIA) DA IGREJA

Fato: Recordamos que em princípio de 2009 veio à tona a notícia do estupro de uma jovem menina, de aproximadamente 9 anos, pelo seu padrasto, ficando grávida de gêmeos. Recorrendo à Justiça os familiares obtiveram da mesma a autorização para o aborto dos gêmeos já que a jovem mãe também corria risco de vida caso a gestação continuasse em virtude de seus órgãos ainda não estarem plenamente preparados para torná-la mãe.

Assim foi determinado e assim foi feito... Para o espanto e perplexidade de muitos, o arcebispo de Olinda e Recife excomungou a equipe que participou do aborto conseguindo dessa forma os quinze minutos de fama que qualquer um pode ter na mídia, inclusive os de mau caráter, bandidos, assassinos, hipócritas e similares, incluindo o mencionado arcebispo - esclarecemos que ao colocar o arcebispo no rol dessa estirpe não pretendemos menosprezar nem tampouco ofender as 'classes' citadas.

As manifestações, como não poderia deixar de ser, logo se fizeram presentes, porém coibidas pelos impostores e velhacos da cúria. Dentre das inúmeras manifestações há de mencionar-se a carta do professor e advogado Alan Lacerda de Souza dirigida ao insensato arcebispo que circulou na época pela rede mundial de computadores e que aqui fielmente reproduzimos.

"Carta aberta ao arcebispo de Olinda e Recife, D. José Cardoso Sobrinho"

Caro D. José

Escrevo sobre a excomunhão dos médicos que praticaram o aborto dos gêmeos da menina estuprada pelo padrasto, em Pernambuco.

Inicialmente, digo que não pretendo questionar ou criticar sua decisão: o senhor agiu corretamente, em consonância com os dogmas e postulados da Igreja Católica.

Gostaria de pedir, isso sim, que já que o senhor está tomado pelo espírito de justiça segundo as Leis de Deus e as normas da Igreja, que prosseguisse com as excomuniões. Sugiro, por exemplo, que excomungue os políticos e servidores públicos corruptos, eis que eles violaram um Mandamento da Lei de Deus (não furtarás).

De quebra, o senhor poderia também excomungar os padres pedófilos, já que eles pecaram - de forma gravíssima, pecado mortal! Aliás, eu gostaria de perguntar: o criminoso e pecador padrasto da pobre menina violentada, esse foi excomungado?

Prosseguindo, o senhor deveria excomungar também as mulheres católicas que usam anticoncepcionais e os jovens católicos que fazem sexo antes do casamento usando camisinha, pois eles pecam contra a castidade, usando de artifícios para ter sexo apenas por prazer, e não para procriação.

Também excomungue os católicos divorciados, já que estes estão em permanente adultério. E já que está com a mão na caneta, aproveite e excomungue também os homens católicos que têm amantes, uma vez que estes também são adúlteros.

São as minhas humildes sugestões ao senhor, pelo bem do cumprimento da Lei de Deus!

Atenciosamente,

Alan Lacerda de Souza

Advogado e Professor

Brasília/DF

P.S.: A mim o senhor não precisa se preocupar em excomungar: de acordo com o cânon 751 do Cód. de Direito Canônico, eu sou um herege, e por isso á fui excomungado latae sententiae, segundo o cânon 1.364, § 1. Graças a Deus".

Coincidentemente nessa mesma época, março de 2009, Cláudio Dias Costa foi sentenciado a 13 anos e 4 meses

de prisão por abusar sexualmente de uma menina de 9 anos. O religioso (um padre da Igreja Católica Apostólica Romana) foi preso em 2008 em flagrante dentro de um carro na garagem da escola, onde era diretor, em Rio Grande do Sul. O caso foi descoberto porque a menina conseguiu fugir. O padre canalha foi pego ainda dentro do carro com uma peça íntima da menina². O mais interessante: mesmo preso, ele continua com o título de padre, embora esteja suspenso!³ O bispo da região, provavelmente o 'tio' do Sobrinho, também outro cínico, disse que, depois de cumprir pena o Costa passará por tratamento psicológico e só então será definido se continua ou não com o cargo. Tudo quando o fato estiver esquecido pela sociedade, isso, talvez, daqui a uns poucos meses quando ele será solto por bom comportamento, influência da funesta cúria, por ser réu primário (?) etc. O nojentoso padre irá rezar no púlpito onde muitos idiotas se ajoelharão a seus pés como sinal de respeito e devoção pensando que o pilantra é um dos verdadeiros representantes de Deus!

Claramente dois pesos, duas medidas... Tal qual vem acontecendo há centenas de anos! Porque esse desgraçado não foi imediatamente excomungado ('grande castigo!') tal qual a equipe médica no caso da menina mãe?

Além da manifestação acima também recebemos da nossa mais antiga amizade⁴ correspondência eletrônica com o seguinte conteúdo sem a identificação do autor, certamente um médico, o que não deixa de invalidá-la:

“Os males que a igreja causa em nome de Deus vão muito além da excomunhão de médicos

Aos colegas de Pernambuco responsáveis pelo abortamento na menina de nove anos, quero dar os parabéns. Nossa profissão foi criada para aliviar o sofrimento humano; exatamente o que vocês fizeram dentro da lei ao interromper a prenhez gemelar numa criança franzina. Apesar da ausência de qualquer gesto de solidariedade por parte de nossas associações, conselhos regionais ou federais, estou certo de que lhes presto esta homenagem em nome de milhares de colegas nossos.

Não se deixem abater, é preciso entender as normas da Igreja Católica. Seu compromisso é com a vida depois da morte. Para ela, o sofrimento é purificador: "Chorai e gemei neste vale de lágrimas, porque vosso será o reino dos céus", não é o que pregam?

É uma cosmovisão antagônica à da medicina. Nenhum de nós daria tal conselho em lugar de analgésicos para alguém com cólica renal. Nosso compromisso profissional é com a vida terrena, o deles, com a eterna. Enquanto nossos pacientes cobram resultados concretos, os fiéis que os seguem precisam antes morrer para ter o direito de fazê-lo.

Podemos acusar a Igreja Católica de inúmeros equívocos e de crimes contra a humanidade, jamais de incoerência. Incoerentes são os católicos que esperam dela atitudes incompatíveis com os princípios que a regem desde os tempos da Inquisição. Se os católicos consideram o embrião sagrado, já que a alma se instalaria no instante em que o espermatozóide se esgueira entre os poros da membrana que reveste o óvulo, como podem estranhar que um prelado reaja com agressividade contra a interrupção de uma gravidez, ainda que a vida da mãe estuprada corra perigo extremo?

O arcebispo de Olinda e Recife não cometeu nenhum disparate, agiu em obediência estrita ao Código Penal do Direito Canônico: o cânon 1398 prescreve a excomunhão automática em caso de abortamento. Por que cobrar a excomunhão do padrao estuprador, quando os católicos sempre silenciaram diante dos abusos sexuais contra meninos, perpetrados nos cantos das sacristias e dos colégios religiosos? Além da transferência para outras paróquias, qual a sanção aplicada contra os atos criminosos desses padres que nós, ex-alunos de colégios católicos, testemunhamos? Não há o que reclamar. A política do Vaticano é claríssima: não excomunga estupradores.

Em nota à imprensa a respeito do episódio, afirmou Gianfranco Grieco, chefe do Conselho do Vaticano para a Família: "A igreja não pode nunca trair sua posição, que é a de defender a vida, da concepção até seu término natural, mesmo diante de um drama humano tão forte, como o da violência contra uma menina".

Por que não dizer a esse senhor que tal justificativa ofende a inteligência humana: defender a vida da concepção até a morte? Não seja descarado, senhor Grieco, as cadeias estão lotadas de bandidos cruéis e de assassinos da pior espécie que contam com a complacência piedosa da instituição à qual o senhor pertence. Os católicos precisam ver a igreja como ela é, aferrada a sua lógica interna, seus princípios medievais, dogmas e cânones. Embora existam sacerdotes dignos de respeito e admiração, defensores dos anseios das pessoas humildes com as quais convivem, a burocracia hierárquica jamais lhes concederá voz ativa. A esperança de que a instituição um dia adote posturas condizentes com os apelos sociais é vã; a modernização não virá. É ingenuidade esperar por ela.

Os males que a igreja causa à sociedade em nome de Deus vão muito além da excomunhão de médicos, medida arbitrária de impacto desprezível. O verdadeiro perigo está em sua vocação secular para apoderar-se da maquinária do Estado, por meio do poder intimidatório exercido sobre nossos dirigentes. Não por acaso, no

² A menina tendo 9 anos certamente foi a sua calcinha.

³ Matéria escrita em meados de 2009.

⁴ Amizade iniciada em princípio de 1954, quando ainda crianças e vizinhos da Rua São João Batista (ele morando no prédio nº 64 e nós na casa de nº 68, um sobrado) em Botafogo, Rio de Janeiro, ainda persistindo até o momento (2009) mesmo Paulo morando em Goiás e nós em Minas Gerais.

presente episódio manifestaram suas opiniões cautelosas apenas o presidente da República⁵ e o ministro da Saúde⁶. Os políticos não ousam afrontar a igreja. O poder dos religiosos não é consequência do conforto espiritual oferecido a seus rebanhos nem de filosofias transcendentais sobre os desígnios do céu e da terra, ele deriva da coação exercida sobre os políticos. Quando a igreja condena a camisinha, o aborto, a pílula, as pesquisas com células-tronco ou o divórcio, não se limita a aconselhar os católicos a segui-la, instituição autoritária que é, mobiliza sua força política desproporcional para impor proibições a todos nós”.

Conclusão: Aproveita o momento, seu arcebispo de me..., assim como teus asseclas do mesmo bando, já que pouco ou nada tens a oferecer a não ser tuas descabidas e estúpidas quimeras, para não dizer louquices, excomunga todos àqueles mencionados pelo confrade Alan e os milhares que quiseres, contudo não excedas teu longo braço mesquinho pois poderás perder os fiéis que, inocentemente, te sustentam e te pagam (ou os ‘alivias’) para dar-lhe espetáculos satânicos como esse!

Nesse rol de excomungados podes incluir-me seu velhaco! Talvez possa fazer alguma diferença para você, irracional. Para mim a mínima! Estou literalmente cag... e andando!

E, finalmente, entendo: os estupradores não são excomungados! Como excomungar um irmão de fé? Fé de mais!

Para encerrar, deixamos aqui registrado o nosso lamento por não ter escrito o que a minha mais antiga amizade escreveu como comentário ao nefasto episódio e que com muito orgulho reproduzimos na íntegra mesmo sem pedir-lhe a devida autorização que seria concedida se assim procedêssemos. Obrigado meu amigo *Cartouche*⁷, do seu inolvidável amigo, desde 1954, *Arsène Lupin*⁸.

“Meu desprezo por esta instituição da qual já fiz parte como batizado que fui e pela primeira comunhão que fiz na minha infância, quando ainda não tinha meios de ver, porque viam por mim (meus pais), esse desprezo nasceu no momento em que comecei a fazer distinção entre safadeza, hipocrisia, da coerência com os ensinamentos do Cristo, Buda ou Maomé...”

Esta Igreja que aí está é uma grande prostituta que se vende aos interesses pequenos de seus prelados a começar pelo Papa.

Que não nos deixemos enganar pelas caras de santo que fazem certas "majestades de Cetro etc."

Querem mais saber o que penso? Seria ótimo que me excomungassem... Eu portaria a excomunhão disto aí que chamam de Igreja com o maior orgulho.

Já pensaram? Paulo Monforte, seu excomungado... Eu responderia... Sim, obrigado... Em que posso ser-lhe útil?

Que estas porcarias de padres pedófilos, corruptores de menores e seus dirigentes com faixa vermelha enroladinha na cinturinha de rolha de poço vão prá PQP!

Abraços

Paulo Monforte

PS.: Tô nem aí prá quem não gostar do que falei...”

P.S. A atitude de tal execrável mente foi tão infeliz e tão descabida que o próprio Vaticano, não melhor que o arcebispo, porém mais inteligente, o que também não é lá grande vantagem, anulou a determinação desse intolerante e repugnante pregador.

“Sempre desejei saber quem definiu o homem com um animal racional”. (Oscar Wilde – do livro **O retrato de Dorian Gray)**

P.S.: Nós desejamos saber quem definiu a padralhada e a igreja como um todo, como sendo algo racional a ser seguido.

5 N.A.: Luis Inácio ‘Lula’ da Silva.

6 N.A.: Na época José Gomes Temporão, médico.

7 Pseudônimo de Paulo Luiz de Lucena Monforte.

8 Pseudônimo de Aquilino R. Leal.



O M.: I.: Aquilino R. Leal é colaborador permanente da Folha Maçônica.

POLÊMICA NA FOLHA. Na próxima semana **DAVI, GOLIAS E O PENTAGRAMA A NOSSOS COMPANHEIROS:** É mostrado que Davi enfrentou Golias com cinco pedras e não apenas uma como se crê.

DICA

E-mails e disputa eleitoral

Este é ano eleitoral e como tal é ano de muita pressão em favor de um ou outro candidato. O principal em tal disputa são as ideias, os programas e também o histórico de cada candidato e partido. O maçom precisa se preparar para agir como um formador de opinião, e não como deformador.

Para o desenvolvimento de uma argumentação válida é essencial que todas as afirmativas venham providas de fundamentação. Não basta acusar, ofender, ameaçar com previsões catastróficas, é preciso que as análises sejam baseadas em dados confiáveis. Isto é o que falta em todas as mensagens de cunho político eleitoral que tenho recebido.

Tenho minha opinião quanto à esperada polarização na disputa para a presidência da República, mas respeito os demais e a guardo para mim. Afinal, me comunico com pessoas cultas e capazes que podem decidir por si mesmas. Da mesma maneira, espero ter minha opinião e capacidade de julgamento respeitadas. Tenho recebido diariamente muitos e-mails desqualificando vulgarmente o presidente da República, a ministra da Casa Civil e os parlamentares do Partido dos Trabalhadores. As mensagens se limitam a acusar, ofender e prever a catástrofe.

Não sou petista, nem comunista. Mas tenho consciência crítica e uma justa indignação contra o custo social imenso das políticas neoliberais. Entendo que os irmãos ou amigos que repassam mensagens críticas sem fundamentação, o fazem por serem favoráveis à opção representada pelo Partido da Social Democracia Brasileira. Dessa forma, já fizeram sua escolha e tentam influenciar os indecisos ou inseguros. Eu já me decidi contra a política neoliberal por não aceitar o aprofundamento das injustiças sociais. Espero ser respeitado, mesmo se, na opinião dos demais, eu estiver errado.

Não peço que deixem de me enviar os e-mails de cunho eleitoreiro vulgar que todos os dias me chegam. Não me incomodam porque os excludo. Mas espero que os responsáveis pelo envio reflitam sobre o direito dos destinatários a informações confiáveis.

Na Folha Maçônica, eu e Aquilino discutimos uma política editorial para nos balizar, e nela decidimos, entre outras coisas, que “não fazemos campanhas de qualquer espécie, não usamos nosso espaço para atacar ou promover

politicamente ninguém...”. Assim, mesmo se tivermos opiniões políticas divergentes, somos capazes de nos respeitar e estreitar os laços de fraternidade que nos unem como verdadeiros irmãos.

Robson Granado

MEDITE

A dor que o outro sente

“Em 22 de novembro de 1910, os moradores da cidade do Rio de Janeiro acordaram sobressaltados. Tiros de canhão eram ouvidos por todos os lados. O que estaria ocorrendo dessa vez? Mais uma tentativa de golpe de Estado? Revoltas contra o aumento das passagens dos bondes? Uma nova vacinação obrigatória? Ou alguma outra atitude impopular do governo? Os rumores foram desfeitos na manhã seguinte, quando os principais jornais do Brasil e do mundo passaram a publicar notícias sobre a Revolta dos Marinheiros.”⁹

Os amotinados dominaram quatro navios da Armada, mataram e expulsaram oficiais, sargentos e marinheiros contrários ao movimento. As palavras de ordem eram: “Viva a liberdade” e “Abaixo a chibata”. Os revoltosos apontaram os canhões contra a cidade e atiraram, fazendo duas vítimas.

O caso foi debatido no senado, e dois lados se enfrentaram. Um liderado por Rui Barbosa e outro por Pinheiro Machado, ambos maçons. O primeiro defendia anistia imediata, o segundo propunha anistia após a entrega das armas. A proposta de Rui foi vitoriosa e a anistia encerrou a revolta. Os conflitos continuaram porque a Marinha ignorou a lei e puniu severamente os envolvidos. Houve mais revolta e muitas mortes dos amotinados.

Ser marinheiro não era um desejo de muitos jovens. A Marinha recrutava à força nas ruas ou nas prisões, alistava menores pobres, incentivando seus pais com indenizações. O serviço militar obrigatório durava de nove a quinze anos e a remuneração era baixa. Havia o temor constante de violência sexual e punições dolorosas, com penas de 100 até 500 chibatadas em um único dia.

A revista Careta, muito popular no Rio de Janeiro e de circulação nacional, publicou uma interessante nota sobre a Revolta da Chibata, em sua edição de três de dezembro de 1910. A nota na íntegra segue abaixo.

“O nosso amável confrade Júlio de Medeiros teve a benevolência de mandar-nos, para que as publicássemos na Careta, algumas notas relativas à sua visita aos navios rebeldes e as quais eram destinadas ao Jornal do Comércio, que não as quis dar à luz por temer, estampando-as, ferir as pudicas susceptibilidades dos senhores deputados.

“Eis uma das famosas notas: Júlio de Medeiros, tendo recebido a chibata que lhe foi oferecida pelos rebeldes, exclamou:

“- Oh! Fazer uma revolta, por em sobressalto uma população inteira só por haver levado umas lambadinhas com isto?! É incrível.

“Os marinheiros vociferaram com energia achando que o jornalista tinha um coração de ferro.

“- Vou provar que isto não mata nem machuca, afirmou Medeiros sacudindo a chibata.

Em seguida, voltando-se para o proprietário do bote Lyrio, que o levava a bordo, propôs:

“- Queres experimentar esta chibata?

“-Seu Dr., está brincando, murmurou o boteiro, lívido.

“- Dou-te cinco mil réis por cada chibatada que apanhares.

“O boteiro coçou a cabeça, pôs-se a apalpar a chibata e por fim resolveu-se:

“- Cinco mil réis! Cinco mil réis! Cinquenta chibatadas são por aí alguns duzentos e tantos mal réis! Enfim, vá lá, seu Dr.

⁹ NASCIMENTO, Álvaro Pereira do. Contra a chibata, canhões. Revista de História da Biblioteca Nacional nº 9, setembro de 2006. P. 18-21.

O homem do Lyrio avançou, tirou a camisa, encruzou as mãos sobre o peito, curvou o dorso e disse:

“- Pode dar!

“Um alentado negralhão deu um passo à frente, arrancou a chibata das mãos jornalísticas, fê-la silvar no ar e derrubou-a nas costas do boteiro. O jornalista estremeceu aterrado. O negralhão levantava de novo a chibata. O boteiro berrou: Suspenda!

“Medeiros interrogou aflito:

“- Doeu?

“E o homem do Lyrio cravando os olhos úmidos no alentado negralhão, perguntou:

“- Onde é o mictório?”

Caros irmãos, do relato acima, podemos concluir que a dor que o outro sente pode muito facilmente ser ignorada, ou minimizada por nós. Chibata no lombo dos outros é refresco.

DOCUMENTOS E FOTOS ANTIGAS



Selo comemorativo emitido em 20/agosto/1992
(Dia do Maçom):

Homenagem ao Grande Oriente do Brasil
Símbolo do "Esquadro e Compasso" e maquete
do Palácio Maçônico do Grande Oriente do Brasil
(Brasília/DF), inaugurado em 04/dezembro/1992.
O Grão-Mestre Geral na época era o Irmão Jair
Assis Ribeiro.

Desenho feito por Lucia T.V. Ramos

EUREKA (TUREKA E NÓSREKA)

Contestações, lances, bobagens, respostas, estudos, credices, variados, 'nósticias'
fatos, curiosidades, sofismas, perguntas, humor, nostalgia, outros e... nós!

E então a briga começou... (II)

Na festa de meu aniversário a minha mulher foi-me fotografar com uma dessas maquininhas eletrônicas; dengosa disse: *Aquilino, meu amor, espero fotografar-te novamente nos teus 70 anos...*

Eu respondi: *Por que não? Você parece-me até bastante saudável!*

E então a briga começou...

Naquele dia minha mulher estava irritadiça, mais que de costume. Não agüentando mais e ignorando a sua possível TPM disse-lhe: *Hoje mais te pareces a um purgante!*

Ela, ainda irritada, responde: *E você... a seu efeito!*

E então a briga começou...

Ainda que o frio estivesse em alta, sugeri a minha mulher: *Que tal dormir em camas separadas?*

Disse ela: *Acho uma ótima idéia.*

Respondi: *Amanhã mesmo vou providenciar! A tua cama será em Fortaleza e a minha aqui em Lima Duarte.*

E então a briga começou...

Eu estava pressionando por demais minha mulher até que um dia ela se lastimou: *Querido gostaria de ter mais liberdade para agir!*

No dia seguinte resolvi o seu problema: comprei uma corda mais comprida.

E então a briga começou...

Disse à minha mulher: *Temos de nos comportar com um casal moderno. Temos de dividir tudo.*

Ela eufórica: *Concordo plenamente!*

Eu respondi: *Então vamos fazer um trato sobre direitos e deveres.*

Disse ela: *E como é tal trato?*

Respondi: *Simples. Eu fico com os direitos!*

E então a briga começou...

Depois de mais uma briga com a minha mulher, um tanto magoado disse-lhe: *Pelo amor a nossos filhos, seja legal comigo!*

E ela sensibilizada: *Prometo fazer o possível, mas porque isso?*

Respondi: *Serei eu quem vai escolher teu asilo!*

E então a briga começou...

Almejando 'apimentar' nossas relações comentei com minha mulher: *Todo homem tem a fantasia de fazer sexo com duas mulheres ao mesmo tempo.*

Sem esboçar qualquer sinal de espanto ela disse: *Acho uma boa idéia.*

Eufórico perguntei-lhe: *É mesmo?*

Secamente ela respondeu: *Claro! Assim eu terei com quem conversar depois de você pegar no sono!*

E então a briga começou...

Estava descansando quando minha mulher grita: *Vem cá minha **meia idade**... Tem uma barata aqui... Vem correndo **meia idade** para acabar com ela!*

Ao acabar o 'serviço de marido', curioso e movido por certa vaidade, perguntei-lhe: *Já passei dos sessenta... Porque meia idade?*

Calmamente responde: *É a altura da vida em que o trabalho já não dá prazer e o prazer começa a dar trabalho.*

E então a briga começou...

Depois de algumas semanas em abstinência sexual por causa das malditas enxaquecas da minha mulher antes de dormir perguntei-lhe: *Esta noite vamos 'furunfar'? Mas não 'mamãe e papai'! Qual a posição que preferes?*

Ela: *A de cachorrinho.*

Eu: *Eu preferia a de 'carrinho', mas estou de acordo! Agora sana minha dúvida, porque a de 'cachorrinho'?*

Responde ela: *Você senta na beira da cama e implora... implora eu rolo e me finjo de morta.*

E então a briga começou...



Forte tempestade na zona rural de Lima Duarte. Enquanto os relâmpagos riscavam o céu e cada vez mais próximos de nós, sugeri à minha mulher: *Antes que a tempestade se aproxime mais de nós, vamos à casa de tua mãe...*

Inocentemente ela pergunta: *Você nunca se preocupou com a mamãe... Porque hoje?*

Precipitadamente respondi: *Em dia de tempestades e trovoadas o local mais seguro é perto da sogra, pois não há raio que a parta.*

E então a briga começou...

Colaboração do M.:I.: Aquilino R. Leal, Fundador Honorário da Aug.: e Resp.: Loj.: Maç.: Stanislas de Guaita 165

Contatos para: folhamaconica@gmail.com

Visite nosso blog: <http://folhamaconika.blogspot.com/>

Baixe as edições antigas da Folha em: <http://SITIO-FOLHA-MACONICA.4shared.com/>

Os irmãos podem enviar colaborações para o sítio da Folha Maçônica